

TIPOS DE EMPREENDEDORES NO BRASIL - UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

VINICIUS EDUARDO GUSSE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)

ANA LÚCIA VITALE TORKOMIAN

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)

IVETE DELAI

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)

TIPOS DE EMPREENDEDORES NO BRASIL – UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo tem desempenhado papel fundamental no desenvolvimento econômico e social do Brasil, sendo frequentemente associado à geração de emprego, ao estímulo à inovação e à mobilidade social (CHIAVENATO, 2021). Diante de um cenário caracterizado por mudanças tecnológicas aceleradas, instabilidade econômica e novos padrões de consumo, o ato de empreender tem ganhado destaque como alternativa tanto para a realização pessoal quanto para a superação de dificuldades em geral. Segundo Dornelas (2023), o empreendedor moderno deve ser entendido não apenas como um iniciador de negócios, mas como um agente de transformação, capaz de inovar, gerar valor e provocar mudanças nos contextos em que está inserido.

Dentro dessa perspectiva, a literatura brasileira sobre o tema tem reconhecido uma ampla variedade de perfis empreendedores, evidenciando que nem todos os indivíduos empreendem pelos mesmos motivos ou nas mesmas condições. Dornelas (2022) informa que existem, por exemplo, os empreendedores por necessidade, os sociais, os intraempreendedores e diversos outros que, além do próprio autor em questão, outros foram inserindo novas nomenclaturas e adaptando as já existentes. Bessant e Tidd (2019) apontam que essa diversidade exige uma análise mais atenta dos contextos, das motivações e das competências envolvidas em cada tipo de empreendedorismo. No cenário brasileiro, ainda observamos figuras como o empreendedor de periferia, o empreendedor imigrante e o herdeiro, que desafiam as classificações tradicionais (CRUZ & FALCÃO, 2016). No entanto, essa variedade de tipologias, embora rica, não é isenta de problemas conceituais e metodológicos.

Para subsidiar a análise dos tipos de empreendedores encontrados nos artigos selecionados, esta pesquisa adota como base teórica um autor consagrado da literatura brasileira sobre empreendedorismo, Dornellas. A escolha do autor se justifica por sua ampla adoção em cursos de Administração, pela relevância de suas obras na formação conceitual do campo e pelo reconhecimento institucional de suas contribuições, mesmo quando sua produção não está majoritariamente em periódicos científicos, ou seja, estão mais em livros do que em artigos.

Obras como a de Fillion (1999) apresentam tipologias sobre tipos de proprietários-gerentes de pequenos negócios e por isso, como base para este artigo serão utilizadas as obras de Dornelas, iniciando com a sua obra “Empreendedorismo na prática – mitos e verdades do empreendedor de sucesso” que destaca os tipos de empreendedores, lançada em 2007, as demais obras do autor, por sua vez, foram amplamente difundidas e utilizadas por instituições chaves no tema empreendedorismo, como o SEBRAE, sendo, portanto, fundamentais para estabelecer uma matriz comparativa entre a literatura clássica e os achados empíricos da revisão sistemática.

Os tipos de empreendedores que serão utilizados como base seguindo a lógica da primeira obra do autor, são destacados na tabela abaixo:

Tabela 1 - Tipos de Empreendedores

TIPO DE EMPREENDEDOR	DESCRIÇÃO (Dornellas, 2007)
Empreendedor Nato (Mitológico)	Indivíduos que demonstram habilidades empreendedoras desde cedo, muitas vezes sem formação formal, e que constroem negócios de grande sucesso. São visionários, otimistas e comprometidos com seus objetivos.
Empreendedor que aprende (Inesperado)	Pessoas que, ao se depararem com uma oportunidade inesperada, decidem empreender, mesmo sem experiência prévia. Aprendem com a prática e adaptam-se ao novo papel.
Empreendedor Serial	Indivíduos que criam e desenvolvem múltiplos negócios ao longo do tempo, movidos pelo desafio e pela inovação constante.
Empreendedor Corporativo (Intraempreendedor)	Profissionais que atuam dentro de organizações, promovendo inovações e novos projetos com mentalidade empreendedora.
Empreendedor Social	Aqueles que buscam soluções inovadoras para problemas sociais, visando impacto positivo na comunidade e sustentabilidade.
Empreendedor por Necessidade	Pessoas que iniciam um negócio próprio por falta de alternativas de emprego, buscando sustento para si e suas famílias.
Empreendedor de sucessão familiar	O empreendedor familiar é aquele que recebe o “bastão” da família empreendedora que há tempos mantém o negócio funcionando
O “normal” (planejado)	O empreendedor que planeja e faz a “lição de casa”, que busca acima de tudo minimizar os riscos e possui visão clara de negócio e busca entender o futuro.

Fonte: Adaptado de Dornelas 2007

A principal lacuna observada na literatura está na ausência de um esforço consolidado de sistematização de todos os tipos de empreendedorismo existentes no Brasil que consiga unificar os tipos de empreendedores e suas características. Estudos muitas vezes adotam categorias sem discutir sua fundamentação ou o significado de cada nomenclatura, o que gera inconsistências na interpretação, principalmente de novos estudiosos sobre o tema empreendedorismo e dificulta a construção de um arcabouço teórico coeso. Dornelas (2022), além disso, alerta para a necessidade de repensar os "mitos" do empreendedorismo e compreender com mais profundidade os perfis que se escondem por trás de generalizações. Essa fragmentação dos tipos de empreendedorismo compromete a produção de conhecimento e limita a capacidade de entendimento dos novos pesquisadores.

Neste contexto, o presente artigo tem como objetivo, identificar, categorizar e analisar os diferentes tipos de empreendedores descritos nos estudos brasileiros, destacando os critérios que os autores utilizam para sua classificação e apontando lacunas teóricas e contextuais existentes. Para isso, utilizando o método de revisão sistemática da literatura, este artigo buscará responder a seguinte pergunta: “Quais são os tipos de empreendedores existentes na literatura acadêmica brasileira?”, com isso será possível desvendar como eles têm sido conceituados e categorizados no contexto nacional.

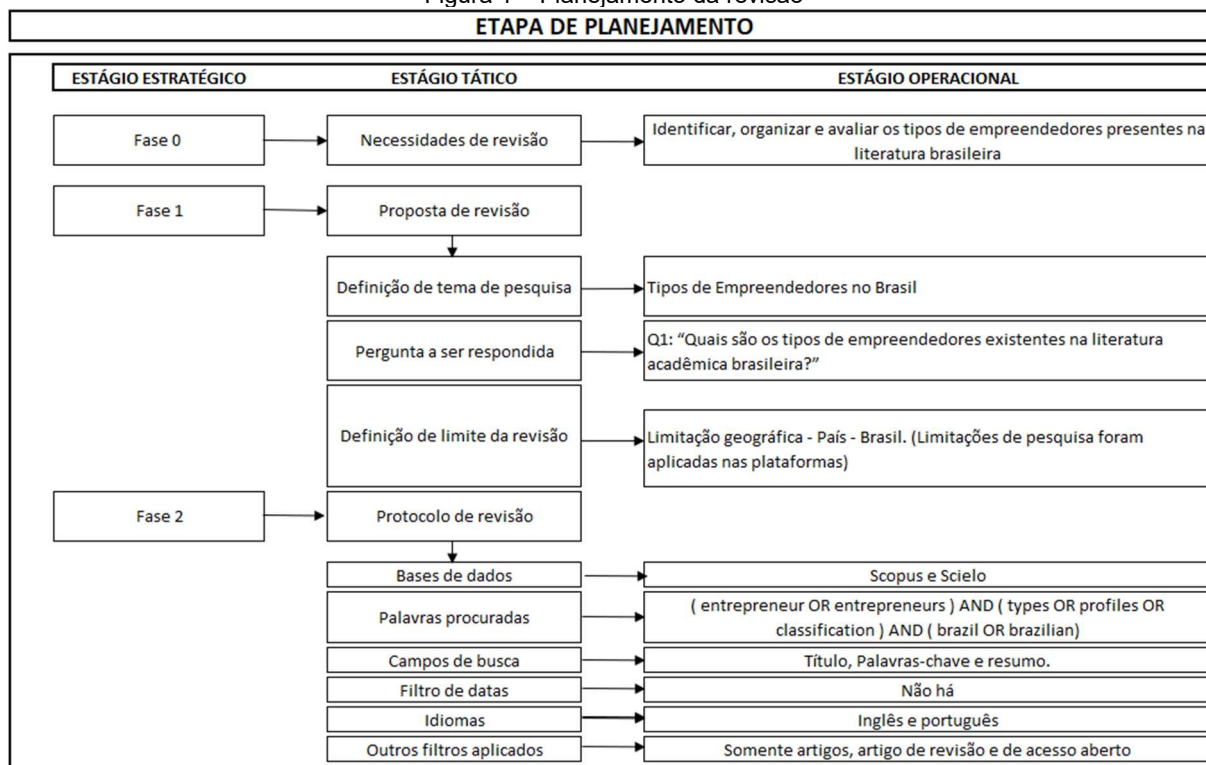
Justifica-se este estudo pela importância de se estabelecer um panorama claro e confiável sobre as diversas tipologias empreendedoras no país, que por sua vez é marcado por profundas desigualdades sociais, o que contribui para a prevalência de práticas empreendedoras por necessidade e, muitas vezes, informais, especialmente em contextos de baixa renda e escassez de empregos formais (O GLOBO, 2025). A sistematização proposta poderá subsidiar tanto o avanço da pesquisa acadêmica quanto a criação de políticas públicas e programas de fomento mais ajustados às realidades de cada perfil de empreendedor. Além disso, Nassif, Andressi e Simões (2011), ressaltam a importância disso informando que compreender as competências e os contextos dos diferentes tipos de empreendedores é essencial para promover um ambiente mais favorável à inovação e à competitividade.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo utiliza a revisão sistemática da literatura (RSL) para identificar, categorizar e analisar os perfis de empreendedores descritos na produção acadêmica brasileira. A RSL, reconhecida por sintetizar evidências com rigor e transparência (Kitchenham 2004), minimiza vieses e oferece um mapeamento robusto do estado da arte. Ancorada no protocolo de Tranfield, Denyer e Smart (2003), a pesquisa aprofunda o entendimento das tipologias existentes, dos critérios de classificação adotados e das lacunas teóricas, fornecendo subsídios sólidos para políticas e práticas em empreendedorismo.

O método seguiu três fases. No planejamento, definiram-se a necessidade da revisão, a pergunta de pesquisa e critérios de inclusão e exclusão. Na condução, realizaram-se buscas sistemáticas em bases científicas, triagem, leitura integral, extração de dados e síntese qualitativa. Por fim, o relato e a disseminação apresentaram os achados de forma clara e aplicável. Esse processo estruturado e replicável reduz subjetividade, consolida um corpo de conhecimento confiável e orienta academia, formuladores de políticas públicas e instituições de apoio aos diversos perfis empreendedores no Brasil.

Figura 1 – Planejamento da revisão



Fonte: Elaborada pelo autor

A etapa de planejamento é fundamental para garantir o rigor metodológico da revisão sistemática da literatura. Nesta pesquisa, ela foi estruturada com base nas diretrizes de Tranfield, Denyer e Smart (2003), sendo dividida em três fases: estratégica, tática e operacional, conforme descrito a seguir.

Fase 0 – Necessidade de Revisão: A necessidade desta revisão sistemática surge da constatação de que existem inúmeras publicações sobre empreendedorismo no Brasil, mas sem uma padronização ou sistematização dos tipos de empreendedores descritos. A literatura acadêmica, em geral, trata de perfis específicos (como empreendedor social ou por necessidade), mas falha em apresentar uma visão unificada das tipologias existentes. Diante disso, evidencia-se a relevância de organizar esse conhecimento de maneira crítica e

estruturada, especialmente em um país com alto índice de empreendedorismo informal e por necessidade.

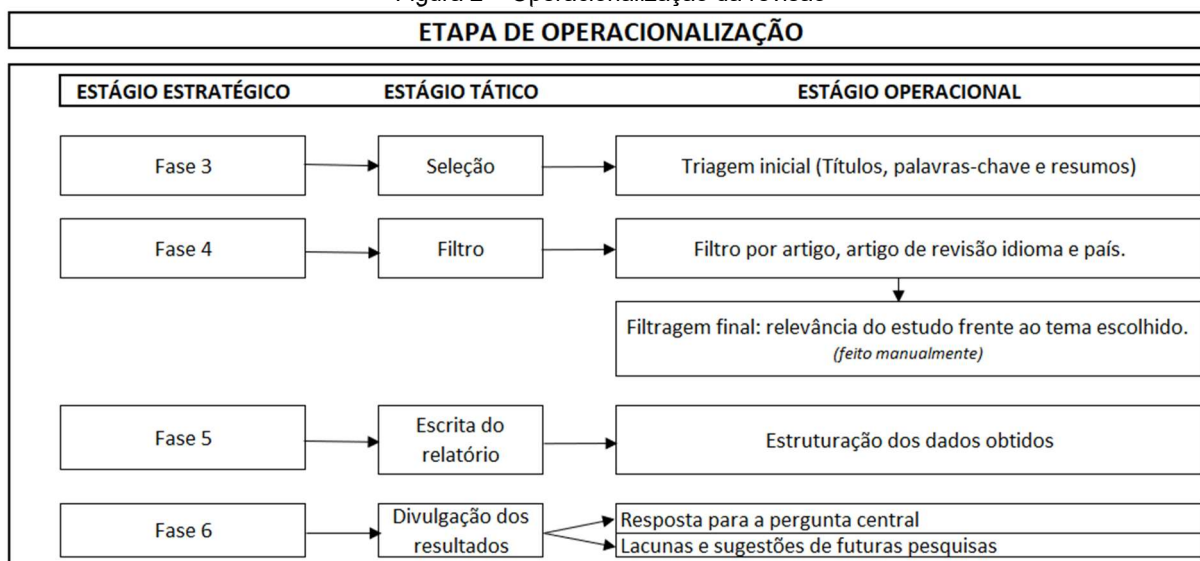
Fase 1 – Proposta de Revisão: A proposta desta revisão é identificar, categorizar e analisar os diferentes tipos de empreendedores no Brasil descritos na literatura científica nacional, buscando compreender os critérios de classificação utilizados, as definições atribuídas a cada perfil e as lacunas conceituais existentes. Essa proposta visa não apenas sintetizar o estado da arte, mas também gerar insights relevantes para a teoria, a prática e as políticas públicas.

O tema delimitado para esta revisão é: Os tipos de Empreendedores no Brasil. Este recorte foi escolhido devido à diversidade de realidades sociais, econômicas e culturais que moldam o empreendedorismo brasileiro, e à ausência de revisões sistemáticas que consolidem esse campo. A revisão sistemática tem como questão norteadora: “Q1: “Quais são os tipos de empreendedores existentes na literatura acadêmica brasileira?” Vale ressaltar que não foram impostos limites quanto a atuação dos empreendedores analisados nos estudos. O foco está exclusivamente na literatura brasileira e nos estudos que tratam sobre empreendedorismo. O que acarretou uma seletividade de informações dos artigos, ou seja, buscou-se apenas a tipologia definida pelos autores em cada artigo, sem aprofundar nos textos em si.

Fase 2 – Protocolo de revisão: Por fim, na etapa de protocolo, definiu-se os termos de busca utilizados nesta revisão sistemática, que foram definidos com o objetivo de identificar estudos que abordassem a categorização dos tipos de empreendedores no contexto brasileiro. Foram selecionadas expressões em português como: (entrepreneur OR entrepreneurs) AND (types OR profiles OR classification) AND (brazil OR brazilian), aplicadas nos campos de título, palavras-chave e resumo. O uso dos operadores booleanos OR e AND permitiu abranger variações terminológicas sem perder o foco nacional.

Além disso, aplicou-se filtros de área específicas como administração, Negócios, Gestão e Contabilidade. Ciências Sociais. Economia, Econometria e Finanças, além de limitar a publicações brasileiras, apenas artigos de acesso aberto e artigos em geral, incluindo artigos de revisão. A opção por restringir a pesquisa ao idioma português e à produção nacional se justifica pelo foco exclusivo desta revisão na literatura científica brasileira, garantindo alinhamento ao objetivo de mapear e compreender as tipologias empreendedoras conforme descritas nos estudos desenvolvidos no país.

Figura 2 – Operacionalização da revisão



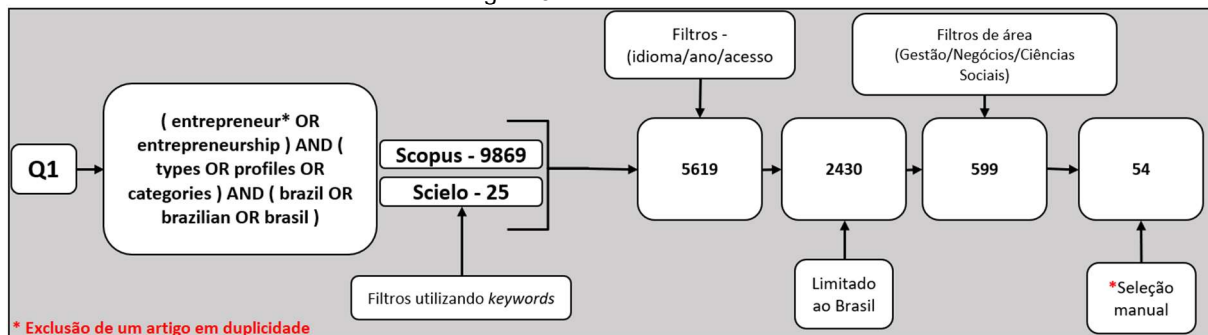
Fonte: Elaborada pelo autor

A figura apresentada representa a etapa de operacionalização da revisão sistemática da literatura, dividida em três níveis: estratégico, tático e operacional. Na Fase 3, correspondente à seleção, foi realizada a triagem inicial dos estudos a partir da leitura dos títulos, palavras-chave e resumos, conforme sugerem Tranfield, Denyer e Smart (2003) em seu modelo de revisão baseada em evidências. Esse procedimento foi essencial para eliminar rapidamente artigos irrelevantes ao tema, otimizando o processo e principalmente tempo de refinamento. A triagem foi aplicada as bases utilizadas, SCOPUS e SCIELO, respeitando o protocolo previamente estabelecido na etapa de planejamento.

Na Fase 4, correspondente ao filtro, aplicaram-se critérios específicos para garantir a coerência e a qualidade dos estudos incluídos. Os filtros consideraram: idioma (português), tipo de documento (artigos completos e artigos de revisão), e país (Brasil). Na base Scopus, por exemplo, a busca inicial retornou 9869 artigos, os quais foram submetidos aos filtros e após isso a análise manual individualizada para verificar sua relevância temática frente ao objetivo da pesquisa. Já na base SciELO, que retornou apenas 25 artigos na etapa de triagem inicial, optou-se por realizar a triagem manual direta de todos os documentos. Essa análise manual foi fundamental para assegurar que apenas estudos efetivamente centrados nos tipos de empreendedores no contexto brasileiro fossem incluídos na amostra final. Após os filtros e análises a RSL foi realizada com um total de 54 artigos.

As Fases 5 e 6, que correspondem respectivamente à escrita do relatório e à disseminação dos resultados e serão discutidas em etapas posteriores. Elas contemplarão a estruturação dos dados obtidos, a resposta à pergunta de pesquisa, e a identificação de lacunas teóricas e sugestões para futuras investigações. A continuidade desse processo garantirá que os resultados da revisão sejam apresentados de forma clara, sistematizada e útil para o avanço do conhecimento sobre os perfis empreendedores no Brasil.

Figura 3 – Filtros da revisão



Fonte: Elaborada pelo autor

A figura acima, elaborada com a intenção de trazer de forma lúdica a etapa de filtragem dos artigos, apresenta a importância de aplicar de maneira eficaz uma metodologia de revisão sistemática de literatura, pois além de permitir análise correta dos dados, se bem aplicada, otimiza o tempo do escritor(a).

3. CARACTERIZAÇÃO DOS ARTIGOS

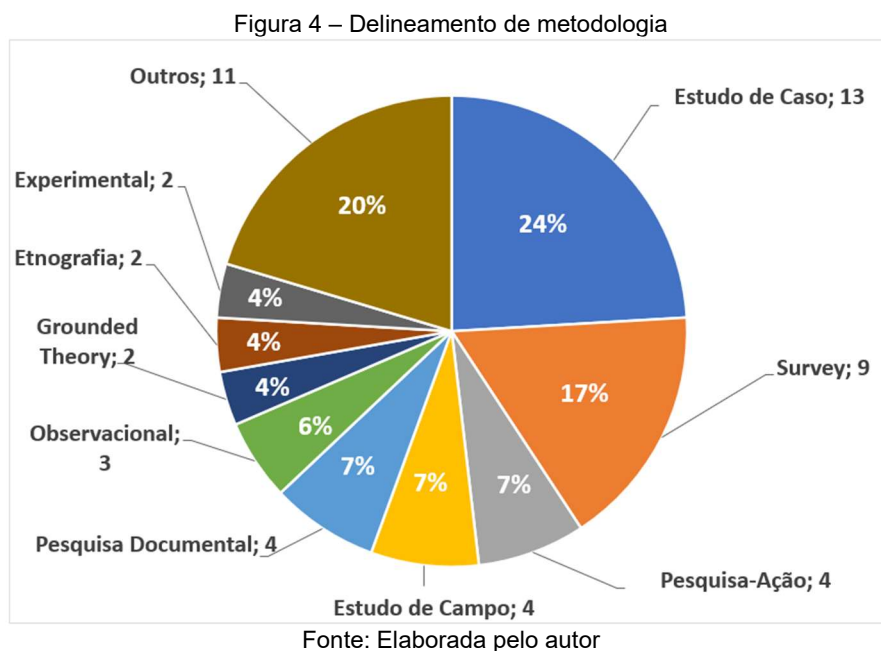
Este capítulo tem como objetivo apresentar uma caracterização detalhada dos 54 estudos científicos selecionados para compor o corpus da presente revisão sistemática da literatura. A caracterização inclui informações como o ano de publicação, local de realização, objetivos centrais das pesquisas, abordagens metodológicas empregadas e os principais resultados descritos pelos autores. A seleção dos estudos foi conduzida conforme as diretrizes metodológicas propostas por Tranfield, Denyer e Smart (2003), que defendem uma abordagem

sistemática e transparente na construção de conhecimento científico em gestão, garantindo a reprodutibilidade, o rigor e a confiabilidade da análise dos dados bibliográficos.

Referente aos anos de publicação dos artigos, nota-se um aumento forte de 2019 para 2021, que, seguido de uma leve queda em 2022, continua mantendo os números de publicação altos se comparados com o período que antecede 2019. O gráfico abaixo, retrata de forma lúdica o crescimento das publicações que carregam consigo o tema empreendedorismo.

A maioria dos estudos analisados, 52 %, adota uma abordagem qualitativa, o que se justifica pela natureza singular do fenômeno empreendedor: como destaca Oliveira, Cabanne e Teixeira (2020), o empreendedorismo brasileiro apresenta uma diversidade metodológica significativa justamente por não seguir padrões pré-definidos, exigindo "métodos que captem experiências, percepções e opiniões de maneira aprofundada" (OLIVEIRA, CABANNE & TEIXEIRA, 2020). Essa singularidade, marcada por motivações, contextos e trajetórias individuais, torna a abordagem qualitativa a mais apropriada para explorar nuances e complexidades do campo empreendedor.

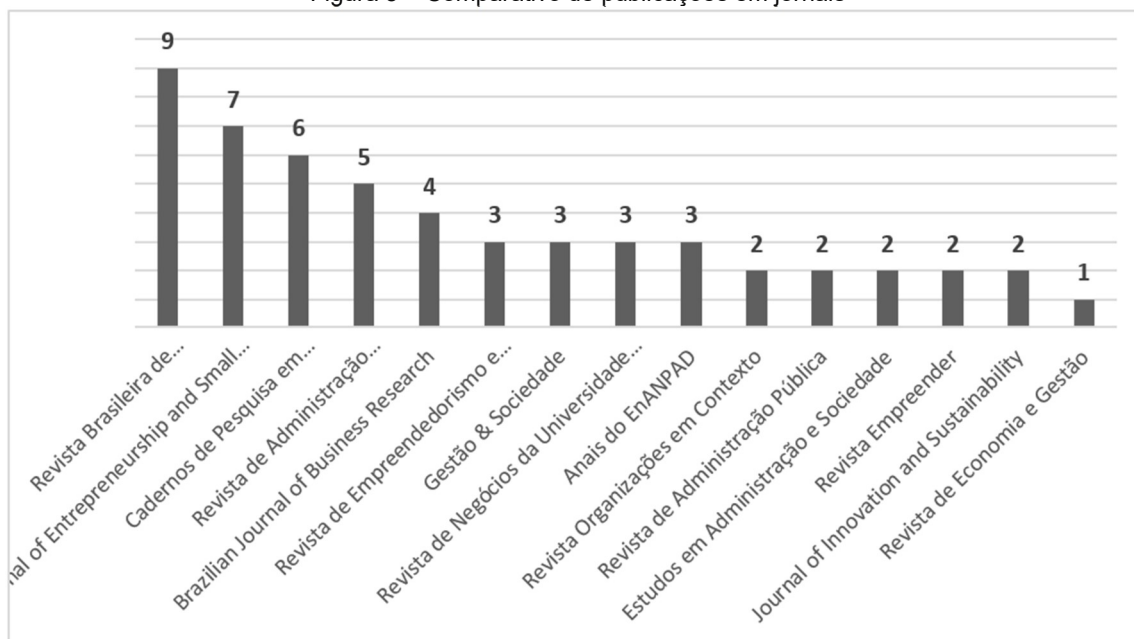
Já no que tange o delineamento das pesquisas, nota-se um misto dos métodos utilizados para as pesquisas, conforme ilustrado na figura 6.



A ampla utilização de metodologias nos artigos selecionados para essa revisão, permite sintetizar das mais diversas formas o conhecimento referente aos tipos de empreendedores no Brasil.

Outra informação, extraída, das análises feitas a partir dos artigos selecionados são os locais de suas publicações. A predominância de publicações em periódicos como a *Revista Brasileira de Empreendedorismo e Inovação*, o *Journal of Entrepreneurship and Small Business*, os *Cadernos de Pesquisa em Administração* e a *Revista de Administração Contemporânea*, conforme evidenciado na Tabela de Distribuição dos Artigos por Periódico, pode ser justificada pela centralidade temática, pela periodicidade consistente e pelo foco nacional ou internacional na área de gestão e empreendedorismo.

Figura 5 – Comparativo de publicações em jornais



Fonte: Elaborada pelo autor

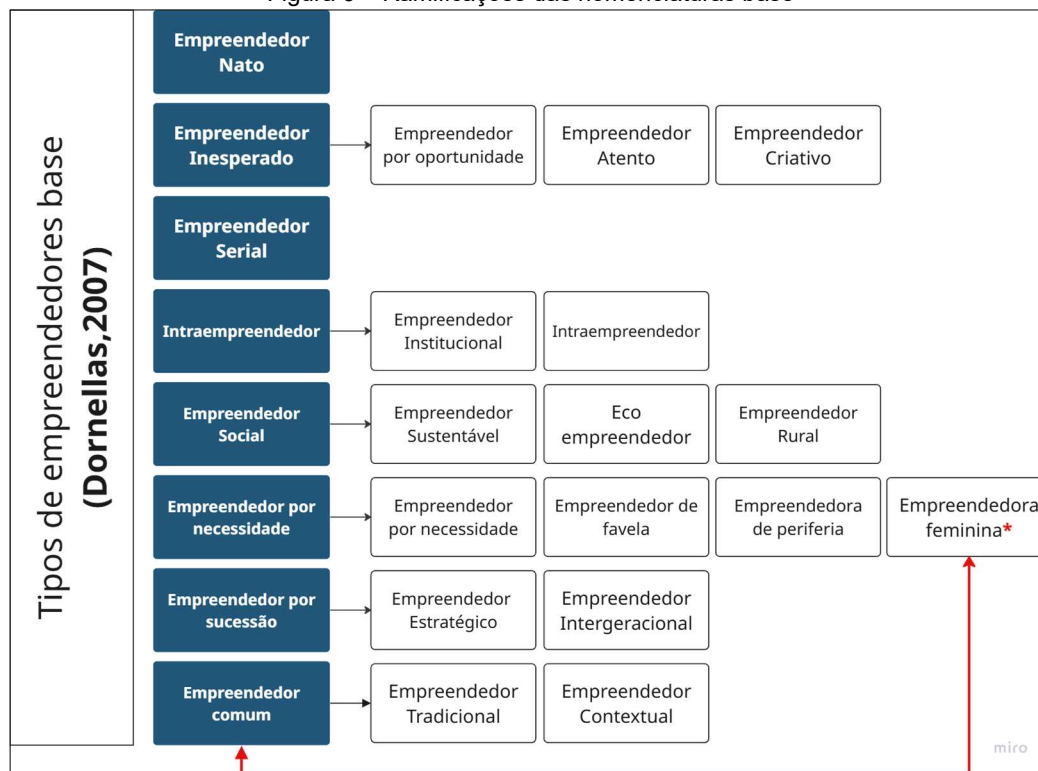
Esses periódicos se destacam por sua forte relação com as áreas de empreendedorismo e administração, tornando-se canais relevantes para estudos sobre tipos de empreendedores. A Revista Brasileira de Empreendedorismo e Inovação valoriza práticas aplicadas em contextos locais. Já o Journal of Entrepreneurship and Small Business aborda pequenas empresas com enfoques diversos. Os Cadernos de Pesquisa em Administração mantêm tradição em pesquisas nacionais e a Revista de Administração Contemporânea (RAC), da ANPAD, é reconhecida por seu rigor acadêmico. O alinhamento temático e o prestígio institucional justificam sua presença recorrente.

4. DISCUSSÃO

Os diferentes perfis de empreendedores podem ser classificados com base em suas motivações, trajetórias e contextos de atuação, como propõe Dornelas (2007) (**Observar figura 1**). Entre eles estão os tipos: empreendedor nato, o inesperado, o serial, o intraempreendedor, o social, o por necessidade, o de sucessão familiar e o planejado. Essas tipologias evidenciam a diversidade e a complexidade que envolvem o fenômeno do empreendedorismo.

4.1 Tipos correspondentes a literatura base e suas ramificações

Figura 6 – Ramificações das nomenclaturas base



Fonte: Elaborado pelo autor

A análise detalhada dos artigos revelou uma grande diversidade de 30 tipologias empreendedoras. Parte delas não é nomeada na literatura-base e outras decorrem de ramificações ou adaptações do modelo original adotado no estudo. Além das categorias apresentadas na Figura 1, foram identificados os seguintes perfis: Empreendedor por oportunidade, atento, criativo, institucional, intraempreendedor, sustentável (ou ecoempreendedor), rural, por necessidade, de favela (ou periferia), feminino, estratégico, intergeracional, tradicional, contextual, acadêmico (ou universitário), infantil/juvenil, potencial, por intenção, protoempreendedor, tecnológico, startup, digital, ágil, menos ágil, joia e bijuteria.

Essa variedade evidencia o dinamismo do campo e aponta para a necessidade de sistematizar conceitos, evitando sobreposições e garantindo maior clareza na comparação de resultados entre estudos. A figura 7 teve como objetivo inserir os termos que se ramificaram da literatura base a fim de informar para o leitor que os termos utilizados nos artigos possivelmente são originários da tabela utilizada como base para análise. A seguir, se discutirá os tópicos mencionados na figura 7.

O empreendedor nato, descrito por Dornellas (2007), não é mencionado nos artigos escolhidos para a revisão. Posteriormente, haverá sugestão de exclusão de nomenclaturas e a tipologia Nato será indicada para sugestão. Conforme aponta o criador da tipologia, os empreendedores natos são aqueles em que suas histórias são brilhantes e muito aclamadas e de certa forma, tais pré-requisitos são muito subjetivos para definição.

Empreendedores inesperados, incluem os perfis oportunidade, atento e criativo. No GEM figuram como empreendedores por oportunidade. Ruppenthal e Cimadon (2012) definem-nos como agentes “motivados pela percepção de um nicho de mercado”, em contraste aos empreendedores por necessidade. Mesquita et al. (2023) mostram que, mesmo em crise

sanitária, muitos negócios nascem de oportunidades. Oliveira et al. (2022) registram ambulantes que optam por empreender “mesmo com alternativas de emprego”. Essa motivação favorece planejamento (Ruppenthal & Cimadon 2012) e resiliência (Mesquita et al. 2023).

O empreendedor Serial, segue o mesmo padrão do empreendedor nato, o autor criador da tipologia descreve o empreendedor serial como aquele que abre diversos modelos de negócio e pleiteia a adrenalina dessas inaugurações. Por se tratar de características individuais e de comportamento, o termo também será indicado na tabela de sugestões de exclusão.

O Intraempreendedor ou Empreendedor Corporativo, Ramificações desta categoria: Empreendedor Institucional. É mencionado em 4 artigos, e é identificado em pesquisas como a de Almeida e Ramos (2021), que discutem o comportamento intraempreendedor em organizações de médio porte. Este perfil também aparece em estudos que discutem inovação e desenvolvimento organizacional, como em Pereira et al. (2023).

Empreendedor social que combinam retorno econômico, ambiental e social surgem em 10 dos 54 estudos como “sociais” e em 7 como “sustentáveis”. Ciccarino et al. (2019) analisam start-ups apoiadas pela Yunus Social Business que geram riqueza socioambiental sem distribuir dividendos, enquanto Johann et al. (2023) mostram cooperativas rurais alinhadas aos ODS. Como a Agenda 2030 já incorpora a dimensão social na noção de sustentabilidade, recomenda-se fundir todos os rótulos em “empreendedor sustentável”, mantendo “social” apenas como subtipo histórico para evitar redundância.

Empreendedorismo por necessidade aparece em oito dos 54 estudos, caracterizando agentes que, diante da falta de emprego formal, recorrem ao autoemprego em ambientes informais, com capital reduzido e escasso apoio institucional. Essa condição gera negócios de baixo potencial de escala e alto risco de falência, mas mantém relevância como estratégia básica de sobrevivência em contextos urbanos e rurais marginalizados.

Os casos empíricos reforçam esse quadro: micro-empresários gaúchos transformam desemprego em pequenos negócios (Ruppenthal & Cimadon 2012); universitários de baixa renda continuam motivados pela necessidade mesmo durante a pandemia (Mesquita et al. 2024); empreendedores em favelas operam como extensão da luta diária (Nunes & Souza 2024). Estudos também retratam ambulantes de comida de rua presos a barreiras formais (Oliveira et al. 2022), o “jeitinho” criativo de baixa renda (Pedroso et al. 2009), micro-negócios artesanais rurais após declínio agrícola (Nelson & Sant’Anna 2012), migração forçada ao digital no lockdown (Grezo & Bueno 2021) e mulheres que abrem empresas para sustentar a família (Dantas et al. 2013).

A literatura tende a rotular o empreendedorismo feminino como necessidade, refletindo salários menores, dupla jornada e restrições de crédito, o que ofusca iniciativas guiadas por oportunidade ou inovação. Propõe-se tratar gênero como dimensão transversal dentro do tipo “empreendedor normal” para capturar variadas motivações. De modo semelhante, herdeiros que assumem negócios familiares exigem “competências dinásticas” para inovar (Borges et al. 2016) e, quando mulheres sucedem, também são enquadradas na lógica da necessidade, expondo desigualdades estruturais não resolvidas.

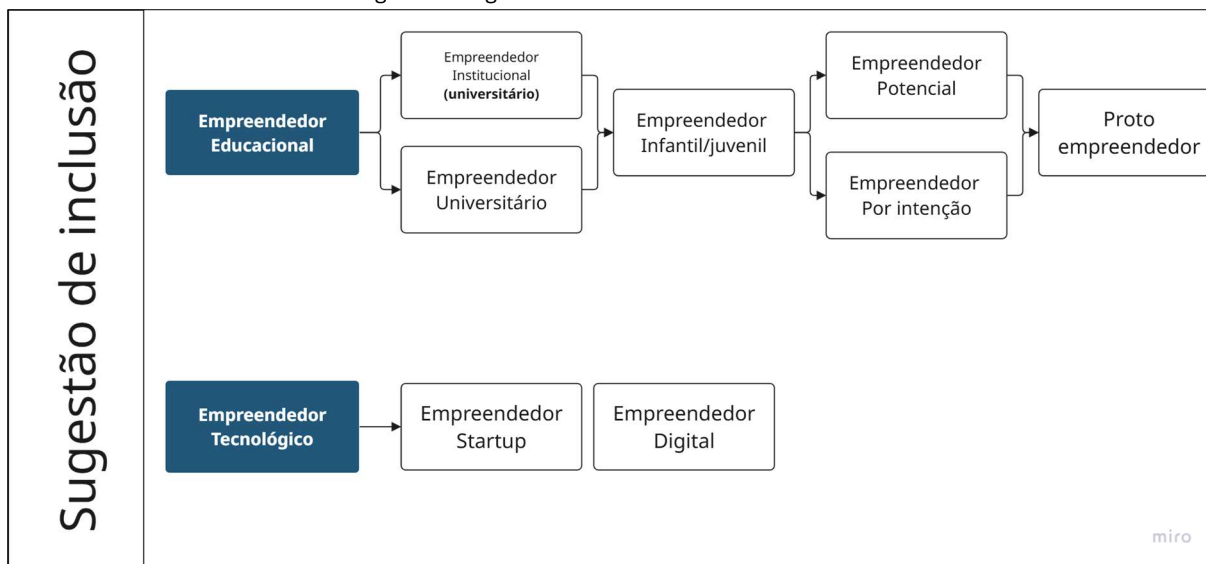
Os empreendedores “normais” ou tradicionais. Ramificações desta categoria: Empreendedor contextual. Aqueles cuja motivação principal é tocar um negócio voltado a resultados econômicos sem orientação explícita para necessidade extrema, impacto social ou inovação radical, aparecem em quatro dos 54 artigos. Grezo e Bueno (2023) relatam o caso de Breno, fundador da agência de viagens Caminha Esse Mundo, cujo percurso durante a pandemia evidencia como resiliência e reinvenção digital sustentam negócios convencionais. Já Nassif, Ghobril e Silva (2010) modelam o processo empreendedor como dinâmica cíclica de busca de oportunidades, aquisição de recursos e criação de valor, sublinhando que a “normalidade” empreendedora reside na capacidade de equilibrar riscos e retornos ao longo do tempo.

Gartner (2020) propõe o “empreendedor contextual”, ressaltando que toda ação empresarial depende de tempo, espaço e redes. A tipologia tradicional deixa de ser fixa e vira ponto de partida flexível, absorvendo variações como o empreendedor digital descrito por Grezole e Bueno. Convém, portanto, manter o tipo normal/tradicional como categoria guarda-chuva, englobando subgrupos como o empreendedorismo feminino; assim, gênero, raça e contexto podem ser analisados de modo transversal em todos os perfis.

4.2 Sugestões de Inclusão de nomenclaturas

Como já mencionado, alguns termos utilizados na literatura atual são similares aos textos base mencionados na introdução desse artigo. O quadro anterior trouxe todos os termos mencionados nos artigos selecionados para a revisão sistemática da literatura e uma sugestão de agrupamento para os termos utilizados na literatura base. Entretanto, alguns termos que não possuem relação estão separados abaixo, na figura 8 e serão discutidos individualmente e após a discussão existirá uma sugestão de inclusão de termos.

Figura 7 – Sugestão de inclusão de nomenclatura



Fonte: Elaborada pelo autor

O bloco educacional reúne oito artigos que mostram o empreendedorismo nascendo ou se renovando em ambientes formativos. Schelfhout et al. (2022) descrevem o cientista-empresendedor, que alia pesquisa a objetivos de mercado. Veiga et al. (2023) e Oliveira, Bortolossi & Pontes (2021) confirmam, com mais de 650 universitários, que autoeficácia e proatividade impulsionam a intenção de empreender. Marquesan, Zawislak & Camboim (2024) apresentam o protoempreendedor, ainda em construção de competências. Esses achados indicam a necessidade de inserir conteúdos e programas de capacitação empreendedora no currículo universitário.

A vertente institucional foca indivíduos que quebram rotinas organizacionais. Alcadipani & Bandeira-de-Mello (2021) relatam gestores do setor elétrico que desafiam normas rígidas; Engelman, Pinto & Souza (2020) mostram universidades reformulando sua cultura para inovação; e Silva et al. (2023) defendem o empreendedorismo infantil-juvenil para desenvolver criatividade e cooperação. Apesar de rótulos distintos, acadêmico, institucional, potencial, por intenção, proto ou juvenil, todos convergem: a formação educacional é condição crucial para

emergir e sustentar o comportamento empreendedor, justificando manter esses perfis no mesmo bloco tipológico.

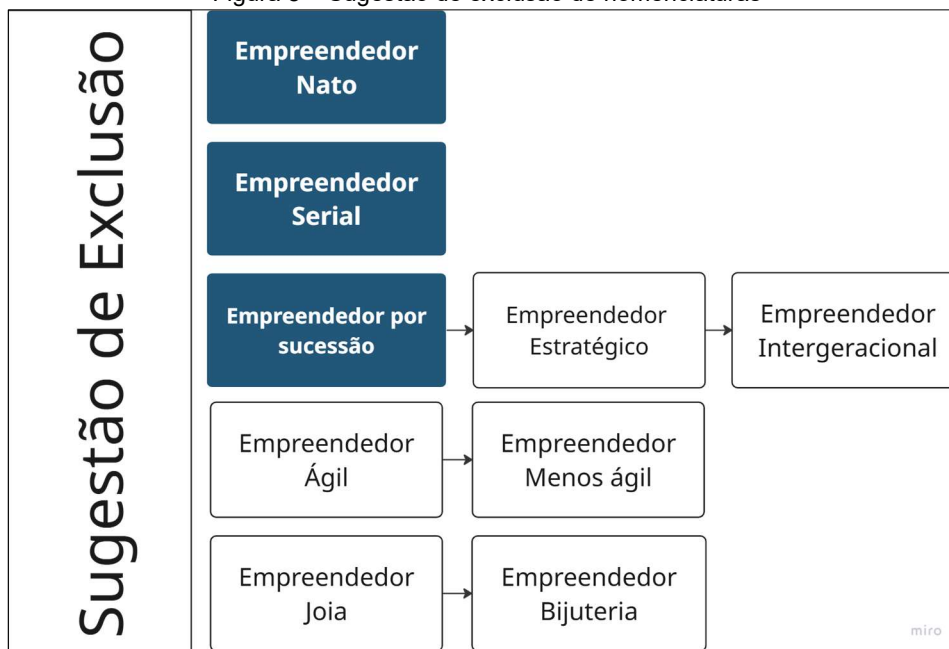
Os empreendedores tecnológicos, digitais e de startups formam um eixo inovador citado em oito dos 54 estudos. Lasso, Mainardes & Motoki (2018) identificam quatro perfis motivacionais entre fundadores tech, enquanto Pires (2021) mostra que o polo de TI de São Carlos-SP gera trabalho flexível e redes de conhecimento. Pigola, Fischer & Moraes (2024) indicam que ecossistemas digitais latino-americanos geram ganhos econômicos, sociais e ambientais quando contam com infraestrutura, proteção de dados e transferência tecnológica.

Na vertente startup, D’Andrea et al. (2023) associam a alta mortalidade a lacunas de política e finanças; Silva, Paula & Silva (2024) destacam o peso crescente dos investidores-anjo; e Marquesan, Zawislak & Camboim (2024) introduzem o protoempreendedor, estágio inicial do continuum tech-digital. Em conjunto, os estudos sugerem fundir as nomenclaturas tecnológico, digital e startup como variações de um único processo: transformar conhecimento em negócios escaláveis.

4.3 Sugestões de exclusão de nomenclaturas

Algumas nomenclaturas identificadas no levantamento limitam-se a descrever atitudes ou traços comportamentais, como a recorrência na abertura de negócios, a rapidez na tomada de decisão ou um suposto “dom”. Por carecerem de fundamentação teórica consistente e de vínculo estruturado com as tipologias de empreendedorismo já consolidadas, esses rótulos não devem ser tratados como categorias autônomas. Portanto, com esse entendimento, a Figura 9 apresenta a proposta de excluí-los do quadro tipológico.

Figura 8 – Sugestão de exclusão de nomenclaturas



Fonte: Elaborada pelo autor

Empreendedor nato, sugere dom inato, mas nenhum dos 54 estudos confirma isso. O comportamento empreendedor é aprendido e moldado pelo contexto: intenções derivam de múltiplos fatores (Veiga et al., 2023) e de habilidades treináveis (Oliveira, Bortolossi & Pontes 2021). O termo “protoempreendedor” já destaca a construção de capacidades inovadoras antes

da captura de valor (Marquesan, Zawislak & Camboim 2024), e trajetórias em favelas mostram que redes locais e resiliência, não dons, sustentam negócios (Nunes & Souza 2024). Manter “empreendedor nato” como tipologia isolada perpetua determinismo e ignora variáveis educacionais, institucionais e situacionais.

A ideia de **empreendedor serial** sugere alguém que abre empresas em sequência movido pela “adrenalina” de criar negócios, mas essa noção não encontra respaldo analítico nos 54 artigos revisados. Na literatura, a criação de várias firmas aparece como resultado de aprendizado, ajuste estratégico ou reconversão, jamais como um tipo autônomo. Scherer, Araújo e Dreher (2023) mostram que o comportamento empreendedor se define por reconhecimento de oportunidades, agilidade e orquestração de recursos, independentemente do número de empreendimentos fundados.

Silva e Ferreira (2023) mostram que, em ecossistemas emergentes, fundadores que encerram startups frequentemente voltam ao mercado, encarando o revés como aprendizado, não como perfil distinto. Oliveira e Silva (2021) observam que a recombinação de conhecimento local e redes de inovação pode levar o mesmo agente a lançar várias empresas, enquadrando-o no empreendedorismo tecnológico. Assim, rotular “empreendedor serial” isoladamente é redundante: a abertura de múltiplos negócios já se explica pelos tipos normal, tecnológico ou digital e por traços como proatividade e resiliência; convém analisá-la como trajetória comportamental, sem criar nova tipologia.

O **empreendedor por sucessão familiar**, receber um negócio já estruturado por herança familiar pode parecer um ponto de partida confortável, pois inclui carteira de clientes, processos definidos e uma reputação construída ao longo dos anos. No entanto, essa transferência, isoladamente, não garante que o herdeiro possua o conjunto de competências empreendedoras necessárias para manter e, principalmente, expandir a empresa em um ambiente cada vez mais competitivo. Como destaca Dornellas (2007), o sucesso organizacional não depende apenas da origem do negócio, mas do perfil de quem o conduz. Portanto, a nomenclatura em questão encontra-se nas sugestões de exclusão.

A distinção entre **empreendedor ágil** e **menos ágil** aparece apenas no estudo internacional de Stephan et al. (2023), que separa fundadores com alta *opportunity agility* (capacidade de reconhecer oportunidades rapidamente) ou alta *planning agility* (flexibilidade para ajustar planos) daqueles classificados como perfis *wait-and-see*. Nos demais 54 artigos revistos, essa rotulagem não é empregada; a agilidade surge como atributo comportamental já contemplado em outras categorias, como a proatividade que prediz intenção empreendedora (VEIGA et al., 2023) e a rapidez na tomada de decisão estratégica descrita por (SCHERER; ARAÚJO; DREHER, 2023). Manter a nomenclatura em questão acrescentaria redundância e fragmentaria o quadro analítico. Recomenda-se, portanto, suprimir o rótulo e analisar a agilidade como variável comportamental às tipologias já consolidadas.

A metáfora “empreendedor joia/bijuteria” surge apenas em Nelson e Sant’Anna (2012): “joia” designa negócios voltados à preservação cultural e sustentabilidade; “bijuteria”, empreendimentos de crescimento rápido. Como nenhum dos demais 54 artigos usam esses rótulos, e seus significados já cabem nas categorias sustentáveis/sociais ou tradicionais orientadas ao mercado, mantê-los só criaria termos locais que dificultam comparações. Recomenda-se, portanto, excluir a dupla e realocar os casos nos tipos consolidados. Do mesmo modo, traços individuais como satisfação ou sofrimento psicológico (Nascimento, Costa & Lemos 2023) são transversais; etiquetas baseadas em um único atributo—nato, joia, ágil—não justificam novas tipologias.

4.4 Orientações

Criar tipologias de empreendedores sem respaldo bibliográfico sólido compromete o rigor científico de uma revisão sistemática. Rótulos baseados em impressões isoladas ou metáforas locais fragmentam o debate, dificultam comparações internacionais e podem reforçar visões equivocadas. A introdução de novos termos deve, portanto, apoiar-se em evidências empíricas robustas, dialogar com conceitos consolidados e demonstrar lacunas reais, evitando a mera renomeação de traços já descritos em categorias existentes.

Nesta investigação, nem todos os 54 estudos analisados foram concebidos para discutir tipologias, mas continuam, em maior ou menor grau, referências a perfis empreendedores. Para atender ao objetivo específico de mapear as nomenclaturas, procedeu-se a uma extração seletiva dos dados: coletaram-se apenas os rótulos atribuídos pelos autores a cada perfil (por exemplo, “empreendedor sustentável”, “protoempreendedor”, “empreendedor de favela”), enquanto os demais conteúdos teóricos serviram apenas como subsídio contextual. Essa estratégia permitiu catalogar a diversidade terminológica sem sobre-representar conclusões que extrapolam o escopo tipológico.

Três frentes de pesquisa emergem como prioritárias. Primeiro, aprofundar o estudo do empreendedor acadêmico, comparando instituições e níveis de ensino, dada a relevância do empreendedorismo universitário para o dinamismo econômico. Expandir a investigação do empreendedor sustentável, integrando dimensões ambientais, sociais e econômicas aos modelos de negócio, tema cada vez mais decisivo para investidores e consumidores. Por fim, reavaliar o empreendedorismo feminino à luz de fatores estruturais que influenciam oportunidades e resultados, além de capilarizar o conceito de intraempreendedorismo para entender como a postura intraempreendedora se articula com os diversos perfis e intensifica a inovação em organizações estabelecidas.

5. CONCLUSÃO

Este estudo mapeou e organizou tipologias de empreendedores na literatura brasileira, examinando 54 artigos publicados entre 2010 e 2024 nas bases Scopus e SciELO por meio de revisão sistemática realizada conforme o protocolo de Tranfield, Denyer e Smart (2003). Coletando apenas os rótulos, identificaram-se 30 tipologias que se agrupam em torno das categorias de Dornelas: inesperado (oportunidade, atento, criativo), intraempreendedor (institucional), social (sustentável, eco, rural), por necessidade (favela, periferia, feminino), por sucessão (estratégico, intergeracional) e comum (tradicional, contextual). Não se acrescentaram ramificações aos tipos nato e serial.

Recomenda-se incluir dois blocos adicionais, a saber, o empreendedor acadêmico que abrange institucional, universitário, infanto-juvenil, potencial, por intenção e proto, e o empreendedor tecnológico que abrange startup e digital. Sugere-se também eliminar rótulos frágeis como nato, serial, ágil, joia e bijuteria para alinhar a nomenclatura às evidências, evitar sobreposições conceituais e facilitar comparações globais. A nova taxonomia serve de referência teórica, orienta políticas públicas e apoia investidores e educadores na promoção do empreendedorismo acadêmico, sustentável, feminino que ultrapassa a motivação por necessidade e das práticas intraempreendedoras. As limitações residem no foco exclusivo em rótulos tipológicos e na exclusão de literatura cinzenta. Pesquisas futuras devem validar o quadro em campo, investigar tipologias digitais emergentes e aprofundar a análise dos fatores de gênero, sustentabilidade e intraempreendedorismo em diferentes setores e regiões.

Referências

- ALCADIPANI, R.; BANDEIRA-DE-MELLO, R. Empreendedorismo institucional: uma análise de caso no setor de energia elétrica brasileiro. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 25, n. 4, p. 1-20, 2021.
- ALMEIDA, F. H.; RAMOS, E. R. Intrapreneurial behavior and intrapreneurial organizational culture: analysis of the influence on project success. *Gestão & Produção*, v. 28, n. 3, p. 221-240, 2021.
- BESSANT, J.; TIDD, J. *Inovação e empreendedorismo*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2019.
- BORGES, A. F.; BRITO, M. J.; LIMA, J. B.; CASTRO, C. L. C. Entrepreneurship in family businesses: current research and future challenges. *Revista de Administração Mackenzie*, v. 17, n. 5, p. 34-59, 2016. DOI: 10.1590/1678-6971/adm.v17n5a2.
- CHIAVENATO, I. *Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2021.
- CICCARINO, I. D. M.; MALPELLI, D. C.; MORAES, A. B. G.; NASCIMENTO, E. S. Inovação social e processo empreendedor: aplicação de tipologia em start-ups da Yunus Negócios Sociais Brasil. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 17, n. 4, p. 1032-1047, 2019. DOI: 10.1590/1679-395174335.
- CRUZ, E. P.; FALCÃO, R. P. Q. Adaptação das teorias de empreendedorismo imigrante e enclave étnico no contexto de empreendedores nordestinos da Rocinha. *REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal*, v. 5, n. 3, p. 116-143, 2016. DOI: 10.14211/regepe.v5i3.372.
- D'ANDREA, L.; MARTINS, R.; CARVALHO, F.; FERNANDES, T. Startup mortality in emerging entrepreneurial ecosystems: evidence from Brazil. *REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal*, v. 13, n. 2, e2318, 2023.
- DANTAS, W. M.; GAZOLA, S.; ANEZ, M. E. M. Criação de empresas por mulheres: um estudo com empreendedoras em Natal (RN). *Revista de Administração Mackenzie*, v. 14, n. 5, p. 177-200, 2013.
- DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. 1. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2023.
- DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo corporativo: como ser um empreendedor, inovar e se diferenciar na sua empresa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2022.
- DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo na prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso*. Rio de Janeiro: Campus, 2007.
- DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo na prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2022.
- ENGELMAN, R.; PINTO, A. L.; SOUZA, Y. S. The entrepreneurial orientation in the transformation of universities. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v. 15, n. 1, p. 41-60, 2020.
- FILION, L. J. Empreendedores e proprietários-gerentes de pequenas empresas: visão distinta. *Revista de Administração*, v. 34, n. 2, p. 5-21, 1999.
- GARTNER, W. B. The problem of embeddedness in entrepreneurship studies: a theoretical proposition. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 44, n. 5, p. 923-935, 2020. DOI: 10.1177/1042258719899428.
- GREZOLE, B.; BUENO, G. Dribbling Covid-19: social contributions to management. *REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal*, v. 10, n. 3, p. 1-18, 2021.

- JOHANN, D.; NORA, G. A. M.; ANGELUCCI, C.; GUIMARÃES, L. S. Sustainable entrepreneurship in agribusiness: a case study in a Brazilian agro-industrial cooperative. *Journal of Sustainable Competitive Intelligence*, v. 13, e0424, 2023. DOI: 10.24883/eagleSustainable.v13i.424.
- KITCHENHAM, B. *Procedures for performing systematic reviews*. Keele: Keele University, 2004.
- LASSO, B.; MAINARDES, E. W.; MOTOKI, O. Motivational clusters of technology-based start-up founders: evidence from Brazil. *Journal of Technology Management & Innovation*, v. 13, n. 2, p. 35-48, 2018. DOI: 10.4067/S0718-27242018000200035.
- MARQUESAN, F. F. S.; ZAWISLAK, P. A.; CAMBOIM, G. F. The functions of the proto-entrepreneur in building up startup innovation capabilities. *Journal of Technology Management & Innovation*, v. 19, n. 2, p. 12-27, 2024. DOI: 10.4067/S0718-27242024000200012.
- MESQUITA, E.; TOWNSEND, T.; LOPES, E. Entrepreneurship by necessity in times of pandemic: entrepreneurial motivation and the regulatory focus in explaining the intention to undertake. *REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal*, v. 13, n. 1, e2266, 2024. DOI: 10.14211/regepe.esbj.e2266.
- NASCIMENTO, A. S.; COSTA, P. R.; LEMOS, M. M. The pain of an entrepreneur: relationship between personality, life satisfaction and psychological suffering. Artigo em pré-publicação, 2023.
- NASSIF, V. M. J.; ANDRESSI, T.; SIMÕES, F. Competências empreendedoras: há diferenças entre empreendedores e intraempreendedores? *RAI – Revista de Administração e Inovação*, v. 8, n. 3, p. 33-54, 2011. DOI: 10.5773/rai.v8i3.858.
- NELSON, R. E.; SANT'ANNA, A. S. Tipos de empreendedores em periferia brasileira. *Revista de Administração Pública*, v. 46, n. 2, p. 453-475, 2012.
- NUNES, J. P.; SOUZA, T. S. *Entrepreneurship in the favela: negotiating precarity and mental health during Covid-19*. Londres: Routledge, 2024.
- O GLOBO. Em 7 estados, trabalho informal supera 50%; busca por renda mais elevada e maior autonomia influi, dizem especialistas. Rio de Janeiro, 10 mar. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2025/03/10/em-7-estados-trabalho-informal-supera-50percent-busca-por-renda-mais-elevada-e-maior-autonomia-influi-dizem-especialistas.ghtml>. Acesso em: 19 maio 2025.
- OLIVEIRA, D. A.; *et al.* Individual and environmental dimensions in entrepreneurial intention of university students. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, v. 12, n. 2, p. 88-112, 2021.
- OLIVEIRA, E. N. P.; AQUINO, C. A. B.; NASCIMENTO, J. S. Informal, entrepreneurial, or precarious work? The life trajectory of street food micro-business owners. *Atualidades em Psicologia*, v. 36, n. 132, p. 58-71, 2022. DOI: 10.15517/ap.v36i132.43532.
- OLIVEIRA, J. E.; SILVA, D. J. The new technological entrepreneurship: spatial configurations and working experiences in the São Carlos-SP technology pole. *Revista de Administração e Inovação*, v. 18, n. 1, p. 75-92, 2021. DOI: 10.1016/j.rai.2020.12.003.
- OLIVEIRA, R. S. F.; BORTOLOSSI, L. F.; PONTES, M. D. Entrepreneurial intention: categorization, classification of constructs and proposition of a model. *Gestão & Produção*, v. 28, n. 4, e2113, 2021.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Nova York: ONU, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2025.

PEDROSO, J. P. P.; MASSUKADO-NAKATANI, M. S.; MUSSI, F. A relação entre o “jeitinho brasileiro” e o perfil empreendedor. *Revista de Administração Mackenzie*, v. 10, n. 4, p. 100-130, 2009.

PÍGOLA, A.; FISCHER, B.; MORAES, C. Impacts of digital entrepreneurial ecosystems on sustainable development: insights from Latin America. *Journal of Cleaner Production*, v. 406, 137050, 2024. DOI: 10.1016/j.jclepro.2023.137050.

RUPPENTHAL, J. E.; CIMADON, J. E. O processo empreendedor em empresas criadas por necessidade. *Gestão & Produção*, v. 19, n. 1, p. 137-149, 2012. DOI: 10.1590/S0104-530X2012000100016.

SCHELFHOUT, J.; *et al.* Becoming an academic entrepreneur: how scientists develop an entrepreneurial identity. *Journal of Technology Transfer*, v. 47, n. 6, p. 1735-1759, 2022.

SCHERER, F. L.; ARAÚJO, A. G. S.; DREHER, R. Entrepreneurial behavior and strategy: a systematic literature review. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, v. 29, n. 9, p. 1189-1209, 2023. DOI: 10.1108/IJEER-11-2022-0990.

SILVA, D.; FERREIRA, M. P. Why startups fail in emerging entrepreneurial ecosystems. *REGPE Entrepreneurship and Small Business Journal*, v. 13, n. 2, e2317, 2023.

SILVA, F. O.; *et al.* Drivers for entrepreneurship education: harnessing innovation for quality youth employment and income generation. *International Journal of Entrepreneurial Education*, v. 5, n. 1, p. 23-45, 2023.

SILVA, J. A.; PAULA, P.; SILVA, M. B. Venture-capital investors and Brazilian start-ups: differential effects on growth and innovation. *Brazilian Journal of Business and Economics*, v. 6, n. 1, p. 45-62, 2024.

STEPHAN, U.; FRASER, J.; SYRDAL, G. Act or wait-and-see? Adversity, agility and entrepreneur wellbeing across countries during the Covid-19 pandemic. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 47, n. 6, p. 1315-1347, 2023. DOI: 10.1177/10422587221135832.

TRANFIELD, D.; DENYER, D.; SMART, P. Towards a methodology for developing evidence-informed management knowledge by means of systematic review. *British Journal of Management*, v. 14, n. 3, p. 207-222, 2003.

VEIGA, H. M. S.; *et al.* Intenção empreendedora: análise do poder preditivo do perfil empreendedor e dos valores relativos ao trabalho. *Revista de Administração da UFSM*, v. 16, n. 1, p. 1-19, 2023.